

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos.**

23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

**Juventude e política em foco: estudo sobre o comportamento político de jovens em
Fortaleza.**

Carla Beatriz Raulino Marques - Universidade Federal do Ceará

Resumo:

Esta pesquisa analisa os discursos de jovens residentes no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza-CE, investigando o comportamento político e as representações da cultura política presentes nas falas destes moradores. O referencial teórico que embasou a pesquisa foram os conceitos de capital social e cultura política. Capital social são vínculos de confiança, cooperação e associativismo que facilitam atores e grupos sociais a obterem fins específicos. Uma comunidade ou organismo social que possui estoques de capital social, que consegue articular e fortalecer os laços de confiança e cooperação entre os indivíduos, reproduz uma cultura de conscientização cidadã. Nesta perspectiva, analisar a cultura política de um organismo social nos permite apreender como se dá o comportamento político e quais os valores culturais norteadores do processo de escolha de seus representantes. A metodologia adotada foi à realização de um Grupo de Discussão, onde foram exibidos, para seis moradores, a propaganda política de sete candidatos a prefeitura de Fortaleza, em 2012. Os dados coletados indicam a carência de confiança (capital social) na esfera cultural dos jovens eleitores estudados no sistema político e demonstram a prevalência da personalização e da aprovação da “imagem” do candidato como critério para a decisão do voto.

Palavras-chave: juventude; comportamento político; capital social.

1. APRESENTAÇÃO

Entender os elementos culturais e discursivos que pautam o comportamento dos eleitores jovens nos permite compreender as ações de 33% do eleitorado brasileiro, segundo Pesquisa do Instituto Data Popular (2014). Os jovens não são apenas “o futuro da sociedade”, mas no presente já possuem poder decisivo para definir pleitos e, inclusive, podem promover mudanças sociais no nosso país, mediante o engajamento cívico destes.

Esta pesquisa visa analisar o discurso e o comportamento político de jovens moradores do bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza. A metodologia adotada foi a realização de um grupo de discussão (grupo focal) com jovens eleitores entre (16 a 29 anos). A observação aconteceu em setembro de 2012, no período das eleições municipais, onde foram exibidos os “spots”, um resumo da propaganda política e das propostas de sete candidatos a prefeitura de Fortaleza. Eram eles: Heitor Ferrer(PDT), Renato Roseno (PSOL), Marcos Cals(PSDB), Inácio Arruda (PC do B), Roberto Cláudio(PSB), Elmano de Freitas (PT) e Moroni Torgan(DEM).

Com a orientação do Prof. Dr. Jakson Aquino, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia (LEPEM-UFC), pude analisar as percepções subjetivas dos jovens eleitores e as representações de alguns elementos da cultura política destes mediante os discursos expressos no grupo focal. O local de realização do Grupo de Discussão foi o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza- CDVHS no bairro Bom Jardim.

Não se pretende aqui levar a discussão da categoria juventude no contexto das suas significações socioculturais e do processo de construção da sua identidade enquanto relacionadas a uma determinada fase da vida. Porém, esta pesquisa busca contribuir na compreensão do comportamento do jovem como ator político: o que pensam sobre a esfera política e quais as suas motivações subjetivas no momento de decidirem o voto. Qual o posicionamento dos jovens sobre a política e as instituições democráticas? A juventude na atualidade possui confiança em seus representantes políticos? São perguntas que nos propomos a refletir mediante a observação da experiência fortalezense.

Antes de verificarmos os dados coletados, é preciso entender o conceito de capital social e os efeitos que a ausência ou a acumulação deste pode gerar na cultura e no comportamento político dos jovens eleitores, bem como na sociedade brasileira.

2. CAPITAL SOCIAL E CULTURA POLÍTICA

O termo Capital social aparece, inicialmente, conceituado por Coleman¹, como uma cadeia de interações sociais baseadas em laços de confiança e reciprocidade, que, como consequência, produz benefícios para os atores de um determinado grupo ou organização social.

Devido às relações de dependência existentes no interior de um grupo, através do capital social as pessoas podem alcançar fins comuns, que não conseguiriam obter valendo-se apenas do capital particular.

Segundo Coleman, o capital social não seria propriedade dos indivíduos, estando presente na própria relação social e sendo, portanto, inalienável. Ao participar de relações geradoras de capital social, o indivíduo estaria beneficiando não apenas a si próprio, mas a todos os sujeitos envolvidos nas relações. (AQUINO, 2009, p.4)

Para Coleman e Putnam, o capital social aumenta de acordo com o seu uso, e em oposição ao pensamento de Bourdieu, não pertence aos indivíduos, mas é um bem público que permeia os sistemas de intercâmbios sociais.

Ao se estudar sobre capital social, Coleman é a principal referência teórica e as obras de Putnam são destacadas como referencial empírico por pesquisar as características e o papel do capital social nas relações sociais e sua influência no desenvolvimento institucional na sociedade italiana.

Comungando parte das ideias de Coleman e intitulado como seguidor da linha “tradicionalista”, Putnam analisa as comunidades cívicas² da Itália Moderna e a importância do civismo e do capital social para o bom desenvolvimento e funcionamento das instituições. De acordo com o autor, o capital social: “[...] diz respeito a características

¹ Na década de 1980, Coleman conceituou capital social como um componente facilitador na interação dos agentes sociais, uma vez que a confiança é o elemento chave que possibilita a cooperação voluntária e reduz os riscos de transgressões nas transações entre os indivíduos. Para mais detalhes, consultar Putnam(2006) e Costa(2003).

² Ao tratar sobre a existência do civismo e do engajamento político em comunidades específicas, Putnam esclarece que “*a comunidade cívica se caracteriza por cidadãos atuantes e imbuídos de espírito público, por relações políticas igualitárias, por uma estrutura social firmada na confiança e na colaboração*”. (PUTNAM, 2006, p.21)

da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. (PUTNAM, 2006, p.177).

Desta forma, podemos apreender que uma comunidade ou um grupo dotado de capital social, agregando os elementos morais de reciprocidade, solidariedade e cooperação mútua, consegue com maior facilidade e eficiência solucionar problemáticas de ordem coletiva. Tendo como objetivo o bem público, esta intenção, porém, só se concretizará mediante o estabelecimento da confiança entre os atores sociais.

Coleman chama de capital social ao conjunto das relações sociais em que um indivíduo se encontra inserido e que o ajudam a atingir objetivos que, sem tais relações, seriam inalcançáveis ou somente alcançáveis a um custo mais elevado. (AQUINO, 2000, p.24)

A confiança, seja ela pessoal ou social, é o principal recurso do capital social, pois promove a cooperação dentro de uma determinada relação social. A primeira forma de confiança citada, encontrada principalmente em pequenas comunidades, refere-se àquela constituída por laços de intimidade, vizinhança e familiaridade, onde o “outro” é conhecido, e considerado digno de confiança.

Já a confiança social pode ser formada através de regras de participação cívica e reciprocidade. Tais regras quer sejam as de cunho moral ou contratual exercem uma força coercitiva relevante para que se evitem as deserções e o não cumprimento de acordos estabelecidos.

Apesar de não possuir um caráter legal, essas regras são inseridas e reproduzidas nas relações comunitárias, mediante o processo de socialização. Putnam esclarece a sutileza dessas regras citando como exemplo, o ato de limpar as folhas que caem no jardim no período do outono. A sanção reprovativa do “olhar” dos vizinhos, e a consequente exclusão social dos eventos da comunidade, deste indivíduo que não cumpriu a sua tarefa, funcionam como mecanismo de controle e punição para atos que contrariem as expectativas sociais. (PUTNAM, 2006, p.181).

Entre estas normas, segundo Putnam, a que figura como mais importante é a regra da reciprocidade.

A regra da reciprocidade generalizada é um componente altamente produtivo do capital social. As comunidades em que essa regra é obedecida têm melhores

condições de coibir o oportunismo e solucionar os problemas de ação coletiva. [...] A regra da reciprocidade generalizada serve para conciliar interesse próprio com solidariedade. (PUTNAM, 2006, p.182)

Não se restringindo apenas ao caso italiano (as comunidades cívicas estudadas por Putnam), o capital social está presente na sociedade moderna, capitalista e democrática, atuando no interior das interações sociais *horizontais* ou *verticais*. A primeira ocorre entre agentes que ocupam a mesma posição social, e a segunda, estabelece a relação entre atores com status sociais distintos, geralmente inseridos em uma estrutura hierárquica.

As redes sociais horizontais são, para Putnam, as mais propícias para a formação de capital social, especialmente aquelas que agregam a participação dos cidadãos. Os sistemas horizontais, principalmente os que estimulam o contato e a convivência dos integrantes de um grupo, favorecem a geração de confiança entre eles.

As redes sociais verticais, por sua vez, não conseguiriam produzir estoques de capital social. Os laços de cooperação e reciprocidade, se sobreviverem em tais casos, seriam insuficientes para a resolução de problemas de interesse de um grupo social.

Os sistemas de participação cívica, assim como as associações comunitárias, as sociedades orfeônicas, as cooperativas, os clubes desportivos, os partidos de massa e similares [...] representam uma intensa interação horizontal. Os sistemas de participação cívica são uma forma essencial de capital social: quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas em uma comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo. (PUTNAM, 2006, p.183)

Segundo Cremonese e Dallabrida (2004), as políticas neoliberais, além de provocarem o aumento da pobreza, estão produzindo a “cultura da desconfiança” entre os indivíduos em todas as relações sociais. Estes autores acreditam que a conjuntura atual de desemprego e exclusão social estimularam a perda de valores nos indivíduos, refletindo-se não apenas na desconfiança com a política, mas se estendendo também na esfera particular.

O declínio da participação em todos os níveis da sociedade, a falta de confiança mútua e a desconfiança nas instituições políticas, assim, configura em um déficit de capital social. É necessário, por isso, que se re-estabeleça a

confiança, a participação e se fortaleça o capital social, pois só o capital social pode proporcionar novos caminhos na direção de pensar mecanismos que potencializem a capacidade participativa da sociedade. (CREMONESE; DALLABRIDA, 2004, p.2)

O capital social seria, pois, um “remédio” eficaz para incutir nos cidadãos valores de solidariedade, cooperação e associativismo, se opondo à cultura vigente da apatia e desconfiança nas instituições políticas, que são maléficas à “saúde” e à estabilidade do regime democrático.

Deste modo, Baquero (2003) defende que o capital social é um importante instrumento para a democracia, pois estimula a participação cívica, contribuindo para que determinado grupo social ou comunidade alcance objetivos comuns.

Nesse sentido, o capital social como instrumento de empowerment [capacitação] das pessoas para agirem coletivamente pode ser o mecanismo que estava faltando para gerar uma democracia mais eficiente e com qualidade, em que as demandas de grupos tradicionalmente excluídos não sejam esquecidas, ao mesmo tempo em que tais experiências fortaleçam o conceito de cidadania. (BAQUERO, 2003, p. 104)

O acúmulo de capital social produz novas características subjetivas na cultura política do indivíduo ou grupo a que está inserido, como aqui já foi citado: confiança, reciprocidade e participação cívica. Sem o capital social, o cidadão tende a confiar somente no seu núcleo familiar e a olhar com descrédito o sistema político e as instituições democráticas. Possuir estoques de confiança (capital social) é essencial para o fortalecimento das instituições políticas e incentiva o engajamento cívico.

Segundo a teoria da cultura política, a confiança interpessoal e a confiança nas instituições políticas são pré-condições para a formação de associações secundárias que, por sua vez, podem agir como promotoras da participação política e, conseqüentemente, no aperfeiçoamento da democracia. Para o bom funcionamento das instituições políticas é imperativa a confiança dos cidadãos nelas. (BAQUERO, 2003, p.91)

Vimos até aqui, resumidamente, a influência da confiança nas relações sociais e na cultura política dos cidadãos. Mas, o que podemos afirmar como cultura política? A cultura política influencia o comportamento dos indivíduos na hora de definirem seus votos? Este tema tem sido estudado com afinco, há décadas, pelas Ciências Sociais.

Entende-se por cultura política “o conjunto de orientações subjetivas de cidadãos, inclusive valores, crenças e conhecimento sobre o sistema político”. (RENNÓ, 2001, p.34). Há um consenso na maioria dos autores que o comportamento do eleitor é influenciado pela sua cultura. A divergência estaria somente em qual das variáveis teria maior relevância: a social-econômica, a psicológica ou a escolha racional. (FIGUEIREDO, 2008).

Marcus Figueiredo defende a teoria de que o comportamento do eleitor é estratégico. Ou seja, sem negar a influência da cultura, o autor acredita que há três “variáveis que compõem a estrutura decisória: o ordenamento das preferências eleitorais, as chances de vitória entre os candidatos e as expectativas de cada eleitor sobre o comportamento dos demais eleitores.” (FIGUEIREDO, 2008, p.195).

Figueiredo também aponta as incertezas sobre quem será o vencedor do pleito, bem como o sentimento de que um voto pode fazer a diferença, são mecanismos que incentivam o eleitor a participar da votação.

Dentre as características do comportamento político do brasileiro, diversos pesquisadores, tais como Marcello Baquero e Julian Borba apontam a tendência a personalização e a aprovação da “imagem” dos candidatos no processo de decisão dos seus votos. Ou seja, o eleitor identifica-se com o candidato em si, com seus atributos pessoais e não com o partido, desconhecendo, geralmente, o projeto político deste.

“ [...] observa-se que a decisão do voto, para a grande maioria do eleitorado, está fortemente estruturada pelas ‘imagens políticas’ e avaliações que o eleitor faz de algumas características pessoais dos candidatos em disputa. “ (BORBA, 2005, p. 161)

Verifica-se também o baixo grau de instrução dos eleitores e as opiniões políticas “difusas”, somadas a desconfiança acerca dos candidatos e das instituições democráticas, que, como vimos acima, é um empecilho para o engajamento cívico.

No caso brasileiro, tal erosão dos laços sociais manifesta-se em uma cultura da lealdade que raramente vai além da família e do grupo de amigos mais próximos. O setor público é visto com desconfiança e a noção de bem comum

é frágil. Mas o que mais surpreende é a aparente indiferença das pessoas em relação a essas práticas. O resultado concreto é a ausência de políticas de inclusão social e uma tendência a desestimular a participação dos cidadãos. (BAQUERO, 2003, p.92)

Para Julian Borba, os regimes autoritários vivenciados na República Brasileira contribuíram para a formação destas características na nossa cultura política, que desvalorizam os partidos políticos e priorizam as qualidades do líder/ candidato.

Deste modo, a conjugação de cidadãos pouco sofisticados com a constante difusão de ideologias antidemocráticas foi o elemento central da formação da cultura política brasileira, permitindo que o personalismo constituísse a base histórica de estruturação do comportamento eleitoral. (BORBA, 2005, p. 164)

Estas tendências nacionais, apontadas pelos autores, também se aplicam atualmente nos jovens eleitores cearenses? É o que analisaremos a seguir.

3. GRUPO DE DISCUSSÃO NO BAIRRO BOM JARDIM – FORTALEZA.

Para se verificar metodologicamente o posicionamento dos jovens eleitores, residentes no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza-CE, foram exibidos os spots de sete candidatos a Prefeitura de Fortaleza: Heitor Ferrer (PDT), Renato Roseno(PSOL), Marcos Cals(PSDB), Inácio(PC do B), Roberto Cláudio (PSB), Elmano(PT) e Moroni(DEM).

Em seguida, os seis participantes começaram a responder as perguntas propostas, como também dialogaram e expuseram suas opiniões de forma espontânea.

Durante a exibição dos spots, os participantes permanecem atentos e concentrados, apenas dois demonstraram reprovação na sua expressão facial ao assistirem determinadas propagandas. Um jovem morador, que declarou que iria votar no candidato Elmano, demonstrou reprovação ao ver o spot de Marcos Cals, quando este afirmava ser a “verdadeira mudança”; e outro morador, que afirmou que iria votar em Roberto Cláudio, fez uma expressão irônica ao assistir as propagandas de Elmano e Heitor Ferrer.

A seguir, observemos as perguntas que foram realizadas e um resumo das respostas elaboradas pelos jovens eleitores. Apresentaremos as principais falas destes que estão descritas em *italico* e entre aspas.

Pergunta 1- Na sua opinião, o que os candidatos ressaltaram sobre si nos programas de TV para conseguir apoio dos eleitores?

“Os políticos falam, mas não fazem, não resolvem os problemas do bairro”.

“O povo diz que todo político é ladrão, porque não fazem o que dizem. Existem candidatos (a vereador) que aparecem, mas não são do bairro. Melhor seria se realmente conhecessem o Bom Jardim.”.

“O Elmano se preocupa mais com os bairros ricos e com o turismo.”

“Os candidatos não olham para o Bom Jardim que precisa de muita coisa na área da educação e da saúde.”

“O Moroni já vem tentando desde 2004. Eu acho assim, ele não é nem daqui, parece que é do Rio Grande do Sul e vem se candidatar aqui. Tudo bem que faz muito tempo, mas ele vem lá da terra dele, e vem para a nossa se candidatar. Eu não concordo. Acho que deveria ser alguém aqui de Fortaleza. O Heitor, eu não o conhecia, eu vim conhecer agora. Eu estou entre o Roberto Cláudio e o Elmano, porque eu já tinha visto na TV Senado, na TV Assembleia. O Roberto Cláudio e o Elmano, eu já tinha visto, mas os outros não.”

Nesta etapa, os jovens teceram discursos de reprovação e desconfiança com a conduta dos candidatos. Também enfatizaram a necessidade deste conhecer as demandas sociais do bairro/cidade. Uma jovem afirmou não votar no candidato Moroni (DEM) pelo fato deste não ser natural do Ceará.

Apesar de não terem sido questionados, nesta fase inicial os jovens moradores começaram a declarar os seus votos em Roberto Cláudio (PSB), por aprovarem a proposta dos UPAs – Unidades de Pronto Atendimento) e no candidato Elmano (PT).

Pergunta 2 – O que lhe agradou ou desagradou na forma como os candidatos se apresentam para conquistar votos dos eleitores?

“Eles prometem aquilo e às vezes nunca fazem.” “Só fazem paródia.”.

“Se fizessem pelo menos 50% do que prometem seria ótimo para a cidade.”

“Mas às vezes eles agradam só pelas coisas que eles fazem.”

“O que eu gostei mais foi do Roberto Cláudio. Ele disse que vai botar segurança, que vai aumentar o número de UPAs. O que eu mais estou lidando é com ele.”

“Eu gostei mais foi do Elmano. É porque eu acho que as coisas tem que ser resolvidas ‘olho no olho’. Também ele falou que ia melhorar várias coisas aqui em Fortaleza.”

Pergunta 3 – Você percebeu diferenças entre as propostas para o governo de Fortaleza apresentados pelos candidatos em suas campanhas? Quais?

Roberto Cláudio: Os participantes gostaram das propostas na área da segurança e principalmente na área da saúde (UPAs). Não gostaram da proposta de um tablet para cada estudante e pelo boato do mesmo ter mandado agredir fisicamente os professores.

Elmano: Os jovens gostaram da frase “olho no olho” exibida nas propagandas e músicas. E acreditam que *“Ele vai melhorar muitas coisas”*. Já outro jovem disse não gostar do candidato, porque ele se preocupa mais com o turismo do que com outras necessidades básicas da cidade.

Renato Roseno: Os participantes da pesquisa gostaram da proposta dos postos de saúde nos terminais de ônibus, favorecendo aquelas pessoas que adoecem no referido lugar e não dispõem de veículo para levá-la até o hospital. Um deles, porém não aprovou esta proposta, pois a considerou inviável e acredita que seria mais vantajoso investir nos postos de saúde existentes e/ou aumentá-los.

Heitor Ferrer: Uma moradora afirmou que iria votar nele, porque este possui mais propostas para a área da saúde.

Moroni: Segundo os jovens, este candidato enfatiza mais a área de segurança pública. Nenhum dos jovens declarou votar nele.

Inácio: Um morador disse que o candidato propôs a reforma nos Hospitais Gonzaguinhas, porém o participante não acredita nele, e falou que o Roberto Cláudio já iria construir os UPAs.

Pergunta 4 – Para você, entre as propostas apresentadas pelos candidatos, quais são as mais importantes? Por quê?

As Propostas que os jovens analisados consideraram mais importantes foram as das áreas da saúde, educação e segurança pública.

Os jovens gostaram da proposta do Roberto Cláudio que promete investimento na saúde, com a construção das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). Também aprovaram a proposta de Marcos Cals de criar as escolas modelo, de tempo integral.

Afirmaram que a educação é importante para tirar o jovem da rua e colocar na escola o dia todo. É necessário que haja mais investimentos em escolas, para prevenir o tráfico de drogas, do que investir em clínicas de reabilitação.

Pergunta 5 – A forma como os candidatos se apresentam e o que prometem fazer inspiram em você um sentimento de confiança ou desconfiança? Por que confiar ou desconfiar de determinados candidatos?

“Para mim, no caso todos os políticos, quando falam na cara querem dizer uma coisa, mas depois quando estão lá em “cima” não fazem nada. A minha opinião é essa.”
Respondeu um dos jovens.

Outro afirmou que o candidato Roberto Cláudio transmite confiança, porque começou a construir os UPAs e está cuidando da área da saúde.

Um morador disse que o candidato Elmano transmite mais confiança e o povo brasileiro gosta do Lula. Outro jovem afirmou que não confia no Elmano, porque a Luizianne, ex-prefeita de Fortaleza, também do PT, não cuidou dos postos de saúde.

Pergunta 6 – O fato de que um candidato se anuncie como uma pessoa religiosa, uma “pessoa de Deus”, ajuda a conquistar eleitores? Por quê?

A maioria dos participantes respondeu que se o candidato apresentar-se como “religioso” não ajuda na campanha. Não concordam que pessoas da Igreja se envolvam em política. Para um deles, se o candidato for evangélico ou pastor irá atrapalhar, pois não confia neles. *“O Pastor irá ajudar financeiramente a Igreja. Eles se dizem fiéis a Deus, mas nem todos realmente são.”*

Segundo os jovens, quem votar em um candidato religioso vota só porque o conhece, mas não avalia as suas propostas. Outro morador considera errado, pois os candidatos mentem e usam o nome de Deus.

Pergunta 7 – Quais candidatos você considera de oposição? Por quê?

Os participantes não conheciam os termos oposição e situação.

Pergunta 8 – Você concorda que é melhor para a cidade que prefeito e governador estejam do mesmo lado político?

“Sim, porque os dois terão a mesma opinião.”

“Se vereador e prefeito forem do mesmo lado, poderão fazer mais coisas.”

“Governador e prefeito do mesmo lado é bom.”

“Se os dois forem de lados opostos, nenhum dos dois poderá fazer nada.”

4. CONCLUSÃO

Verifica-se nos discursos dos jovens eleitores a repetição de posicionamentos de descrédito e desconfiança nos candidatos e nas instituições políticas: “os políticos não fazem o que prometem, falam, mas não fazem”.

Para os jovens eleitores participantes da pesquisa, do bairro Bom Jardim, as propostas que mais lhe agradaram foram aquelas que refletem as demandas locais onde residem, tais como saúde, educação e segurança pública. Para aqueles que declararam votar em Roberto Cláudio(PSB), que foi o candidato eleito e é o atual Prefeito de Fortaleza, a proposta mais citada foi a construção de Unidades de Saúde, as UPAs.

No comportamento político dos jovens, foi perceptível a presença do critério de personalização na escolha do voto mediante a simpatia por candidatos a vereador que residem no bairro e, por sua vez, conheceriam as necessidades sociais da comunidade; e através da aprovação da propaganda do candidato a prefeitura, Elmano(PT), ao transmitir segurança aos eleitores com o slogan “olho no olho”.

Isto também demonstra que, no caso estudado, os jovens eleitores sentem confiança naqueles candidatos que são conhecidos do bairro. A confiança interpessoal, portanto, é restrita, pois esta diminui quando se refere a outros políticos fora do território

local. O candidato Moroni, por exemplo, segundo a fala dos moradores, “é de fora”, não é cearense, e, portanto, foi citado com indiferença pelos jovens.

Constatou-se também, para aqueles que declararam votar em Elmano, candidato do PT, a influência do apoio do ex-presidente Lula na escolha do candidato.

Para os moradores, se o candidato utilizar-se da imagem de “religioso”, ao invés de ajudar a conseguir votos, iria atrapalhar a sua candidatura, pois acreditam que não é favorável mesclar religião com política.

Segundo a análise do discurso e do comportamento político dos jovens no Grupo Focal, pode-se afirmar que há a presença da desconfiança, ou seja, a carência de capital social na relação eleitor- candidato/ cidadão – sistema político. A desconfiança, enraizada na cultura política da parcela juvenil estudada, alimenta a apatia e o desengajamento cívico, o descrédito nas instituições democráticas, e distanciamento do cidadão das esferas comunitárias de participação política.

A carência de capital social pode gerar, no comportamento político dos eleitores, a reprodução do clientelismo, a falta de consciência partidária e a personalização do voto, sem a análise crítica das propostas dos candidatos.

Os jovens moradores do Bom Jardim mostraram-se atentos às propostas dos candidatos, porém ainda não possuíam conhecimento dos termos situação e oposição, e não declararam seus votos baseados na aprovação de algum partido. O critério de decisão do voto, que norteia seu comportamento político, é a simpatia pelo candidato (personalização), a confiança restrita, somente se o candidato for próximo (conhecido no bairro) ou apoiado por um líder político carismático, e a elaboração de propostas que realmente atendam as demandas da comunidade local.

Verificou-se no comportamento político dos jovens estudados, portanto, a reprodução das tendências apontadas para o eleitor brasileiro. A educação e conscientização cidadã dos jovens são caminhos desejáveis para a construção, não de uma juventude apática e descrente, mas de jovens engajados na esfera política, que tenham o conhecimento e a motivação necessários para intervir e buscar benefícios sociais seja no âmbito regional ou nacional. Se popularmente é dito que “os jovens são o futuro da

sociedade”); pode-se afirmar similarmente que os jovens são o presente e o futuro da democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Jakson Alves. **As teorias da ação social de Coleman e Bourdieu.**

Humanidades e Ciências Sociais - vol. 2 nº2, p. 17-29, 2000.

AQUINO, Jakson Alves. **Capital social: confiança e corrupção.** 33º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú- MG, 2009.

BAQUERO, M. **Construindo uma outra sociedade:** o capital social na construção da política participativa no Brasil. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 21, p. 83-108, 2003.

BORBA, Julian. **Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral:** alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. Revista Opinião Pública, Campinas, Vol XI, n.1, p. 147-168, 2005.

COLEMAN, James S. **Social Capital in the Creation of Human Capital.** The American Journal of Sociology, vol. 94. Universidade de Chicago, 1988.

COSTA, Maria Alice N. **Sinergia e Capital Social na Construção de Políticas Sociais:** a favela da mangueira no Rio de Janeiro. Revista de Sociologia e Ciência Política, n.21, p. 147-163, nov-.2003.

CREMONESE, Dejalma; DALABRIDA, Valdir R. **Políticas sociais, formação do capital social e desenvolvimento.** II Simpósio de Debates Sobre Políticas Sociais: Estratégias e Tendências, UNIJUÍ, 2004.

FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto:** democracia e racionalidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2 ed, 2008.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia:** a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 5 ed, 2006.

RENNÓ, Lucio R. **Confiança Interpessoal e Comportamento Político:** microfundamentos da teoria do capital social na América Latina. Revista Opinião Pública, Campinas, Vol. VII, n.1, p. 33 -59, 2001.